



Um Intelectual Indispensável

José Manuel Durão Barroso, Presidente da Comissão Europeia, prefacia um livro do director da Nova Cidadania e do Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa.

João Carlos Espada é uma figura indispensável na vida pública portuguesa. Como académico, nas áreas da Teoria Política e da Ciência Política, tem tido uma carreira de grande valor.

Cumprindo uma parte importante do seu percurso em Inglaterra e nos Estados Unidos, escreveu a tese de doutoramento na Universidade de Oxford sobre o pensamento político e social de Raymond Plant e de F. A. Hayek, trabalho mais tarde publicado em livro com o título de *Direitos Sociais de Cidadania*. Ensinou igualmente em universidades norte-americanas de prestígio, como a Universidade de Georgetown e a Universidade de Stanford.

Em Portugal, a criação, o desenvolvimento e a consolidação do Instituto de Estudos Políticos (IEP), na Universidade Católica, é a sua obra mais relevante. Na última década, o IEP tem contribuído de modo decisivo para o estudo, a formação e a investigação da Ciência Política e das Relações

Internacionais no nosso País. Podemos dizer, sem qualquer exagero, que o IEP já formou várias gerações de portugueses na área do pensamento político, muitos deles agora em lugares de destaque na vida pública e privada nacional.

Além de uma carreira de sucesso na universidade, João Carlos Espada é um intelectual interveniente, participando activamente no debate político e cultural português. Defende os seus pontos de vista com convicção e abertura, procurando promovê-los no espaço público. Em suma, alia as preocupações da investigação académica ao gosto pelo debate de ideias.

Este livro de crónicas, publicadas em jornais durante os últimos vinte e cinco anos, constitui de algum modo o «filme» de um percurso ideológico e político. As condições muito específicas da história portuguesa recente explicam a natureza do trajecto e dos enredos. Como aconteceu com muitos outros da nossa geração, a falta de liberdade e de democracia

do Estado Novo empurrou-o para os movimentos marxistas radicais. No entanto, a normalização da vida pública portuguesa subsequente ao 25 de Abril e a sua própria evolução pessoal provocaram a ruptura com o marxismo, tema da Parte I do livro. O corte com um compromisso de oito anos, marcados por uma dedicação total (a exigência aos militantes estava de acordo com a natureza totalitária da ideologia marxista), provocou naturalmente angústias e desilusões, as quais são visíveis na primeira parte do livro.

O acto de ruptura exige, normalmente, um porto de abrigo. João Carlos Espada encontrou-o no pensamento liberal clássico, onde chegou através de três dos maiores autores do século XX, Karl Popper, Joseph Schumpeter e Raymond Aron. A segunda parte trata precisamente da opção pela liberdade e pelo liberalismo. Foi um período de descobertas intelectuais e da confirmação da falência do projecto marxista com a queda do Muro de Berlim, as revoluções liberais (recordando uma ideia de Ralf Dahrendorf) da «Europa de Leste» e o colapso da União Soviética.

A terceira parte do livro, uma das mais substanciais, trata da consolidação intelectual do autor após a ruptura com o marxismo. O pensamento de João Carlos Espada revela-se muito marcado pelas correntes liberais «anglo-saxónicas». Mas penso que seria um erro desenhar uma fronteira muito nítida entre o «mundo anglo-saxónico» e a Europa Continental em termos de tradições liberais. Não só a «tradição da liberdade» tem raízes profundas no continente europeu, como aquilo a que se chama «liberalismo anglo-saxónico» se inspira em larga medida em muitos autores continentais. Aliás, João Carlos Espada inclui inúmeras referências a pensadores como Tocqueville, Aron e Hayek. A tradição liberal não ficaria completa sem a contribuição destes notáveis autores da Europa Continental, os quais, segundo penso, seriam dos primeiros a opor-se a qualquer «cartilha liberal» que sugerisse o erro de dogmatismo que tão certamente apontaram noutras visões do mundo.

A última parte do livro refere-se ao período das suas mais recentes actividades em Portugal: os debates e as intervenções públicas, o ensino na Universidade Católica, em particular no IEP, e o apoio à candidatura do Professor Cavaco Silva à Presidência da República. Um período marcado, acima de tudo, pela defesa da tradição da liberdade e pelo exercício dos seus deveres de cidadão interessado e empenhado. Liberdade e responsabilidade pessoal, como o título do livro indica.

Sobre a Europa, há três ideias que surgem frequentemente nas intervenções de João Carlos Espada: o forte apoio à integração europeia de Portugal, sem prejuízo da sua vocação atlântica; a posição de que o reforço desta integração foi a melhor resposta para as profundas mudanças que ocorreram no continente europeu no final dos anos de 1980 e início da década de 1990,

Em discussões que entram pela madrugada ou em telefonemas que se prolongam por incontáveis minutos, ao longo de uma amizade de mais de 30 anos, muito concordei e discordei de João Carlos Espada. Nada no seu pensamento, cuja evolução estas crónicas reflectem, nos deixa indiferente. O mais simples, quando se não o entende ou não se quer entendê-lo, é catalogá-lo, colar-lhe uma dessas etiquetas que fazem falta aos pensamentos formatados e pôr-lha de rótulo. Eu não o faço. Sei que a ele me liga, além da amizade, um indiscutível amor pela liberdade; não só pela liberdade como conceito abstracto de uma sociedade, mas sobretudo por essa liberdade pessoal, o livre arbítrio do ser humano limitado apenas por leis justas e por uma ética pessoal estrita. O resto é, mais política, menos política, matéria que gostamos de discutir.

HENRIQUE MONTEIRO

João Carlos Espada é talvez o colunista português que de forma mais consistente, coerente e persistente tem defendido uma atitude conservadora numa perspectiva moderna (de influência anglo-saxónica). Mas, mais do que qualquer outra coisa, fala um diálogo que presenciei há anos num jantar promovido pelo Expresso. Dizia José Sócrates para Freitas do Amaral: «Gosto muito de ler as crónicas do Espada». Respondia Freitas: «Eu acho-as muito conservadoras». Tendo em conta que Sócrates é socialista e Freitas um conservador, o conteúdo do diálogo não podia ser mais eloquente.

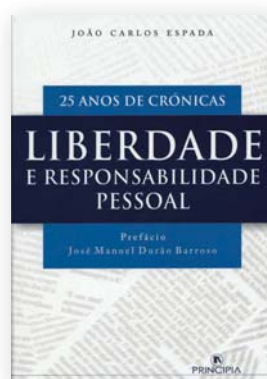
JOSÉ ANTÓNIO SARAIVA

João é tão impulsivo como as suas convicções, tão franco e aberto a discuti-las como o são os homens de ideias abertas e permanente curiosidade intelectual, capaz de levar uma discussão para além dos seus limites, mas sempre com a preocupação de não ir além do que se recomendaria a um gentleman, como ele gosta de se ver e de se comportar. É isso que lhe tem permitido, ao longo dos anos, evoluir sem deixar de ser provocador, sobretudo reunir à sua volta e à volta dos seus projectos gente diferente com uma mesma paixão: a liberdade.

JOSÉ MANUEL FERNANDES

com a consequente defesa do alargamento da União; e, por fim, a necessidade de adaptar a Europa aos desafios da globalização. Também aqui o autor sublinha o essencial: a integração europeia é fundamental para garantir o permanente triunfo da tradição da liberdade nos países europeus. A história recente de Portugal e da Europa assim o demonstra.

Pelo valor dos seus argumentos, pelo empenho cívico do autor, e pelo retrato que faz de um período crucial da história portuguesa e europeia, este livro representa um contributo do maior interesse para todos aqueles que apreciam o debate civilizado de ideias e o papel que neste âmbito pode ter o pensamento político contemporâneo.



**25 Anos de Crónicas:
Liberdade e
Responsabilidade Pessoal**
João Carlos Espada
Principia, Cascais, 2008